

“Extraordinário... uma tocante e inspiradora obra-prima.”
Publishers Weekly

Sassarinka

Kathryn Erskine



valentina 

PREMIAÇÕES

- ★ **VENCEDOR do National Book Award, 2010**
- ★ FINALISTA do Redbridge Children's Book Award (Reino Unido), 2012
- ★ FINALISTA do UKLA Award (Associação Literária do Reino Unido), 2012
- ★ VENCEDOR do International Reading Association Award, 2011
- ★ VENCEDOR do Crystal Kite Award, 2011
- ★ HONRA AO MÉRITO do Golden Kite Award, 2011
- ★ VENCEDOR do Southern Independent Booksellers Award, 2011
- ★ OBRA NOTÁVEL PARA CRIANÇAS da American Library Association's (ALA), 2011
- ★ MELHOR ROMANCE PARA JOVENS da American Library Association's (ALA), 2011
- ★ OBRA EXTRAORDINÁRIA no Bank Street Best Children's Books, 2011
- ★ OBRA NOTÁVEL PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES, Capitol Choices, 2011
- ★ VENCEDOR do Dolly Gray Children's Literature Award, 2012
- ★ ELEITO PARA O "100 LIVROS PARA LER E COMPARTILHAR", da Biblioteca Pública de Nova York (Literatura Infantojuvenil), 2010
- ★ Junior Library Guild Selection, 2010

Sassarinka



Kathryn Erskine



Tradução
Heloísa Leal

valentina 
Rio de Janeiro, 2014
2ª Edição

Copyright © 2010 by Kathryn Erskine
Publicado mediante contrato com PHILOMEL BOOKS, uma divisão da
Penguin Readers Group, Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
Mockingbird

CAPA
Rafael Nobre

FOTO DE CAPA
Jodie Griggs/Getty Images

DIAGRAMAÇÃO
Abreu's System

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E73p 2. ed.	Erskine, Kathryn Passarinha / Kathryn Erskine; tradução de Heloísa Leal. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Valentina, 2014. 224p. ; 21 cm
----------------	---

Tradução de: *Mockingbird*
ISBN 978-85-65859-13-4

1. Asperger, Síndrome de – Ficção. 2. Empatia – Ficção.
3. Escolas – Ficção. 4. Morte – Ficção. 5. Família – Virgínia
(Estados Unidos: Estado) – Ficção. 6. Virgínia (Estados
Unidos: Estado) – Ficção. 7. Literatura infantojuvenil ame-
ricana. I. Leal, Heloísa. II. Título.

CDD: 028.5

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana
Rio de Janeiro – 22041-012
Tel/Fax: (21) 3208-8777
www.editoravalentina.com.br

Na esperança de que todos possamos
compreender melhor uns aos outros.



Agradecimentos

Como sempre, tenho uma dívida para com aqueles que me ajudaram a fazer este livro acontecer: os editores Patricia Lee Gauch e Tamra Tuller; os agentes Kendra Marcus e Minju Chang; minhas muitas amigas escritoras, entre elas Moira Donohue, Maureen Lewis, Susan Barry Fulop, Kathy May, Anne Marie Pace, Fran Slayton e Julie Swanson; e, é claro, meu sempre incentivador e maravilhoso marido Bill, e meus filhos fantásticos, Gavin e Fiona, que merecem uma homenagem especial, assim como minha irmã, Jan, minha maior chefe de torcida. Obrigada a todos vocês.

NOTA DA TRADUÇÃO

Passarinha é um raro romance de símbolos. Seus elementos essenciais, e mesmo muitos de seus detalhes, possuem múltiplos sentidos e estão clara ou sutilmente entrelaçados uns com os outros. Pode-se dizer que este é um romance de sincronicidades, em que todas as imagens se encadeiam perfeitamente para formar uma totalidade viva.

Dessa totalidade fazem parte alguns jogos de palavras fundamentais que, a meu ver, pedem mais do que notas explicativas, já que a trama se estrutura em cima deles. Pareceu-me, pois, preferível alertar o leitor logo de início para sua existência, de modo a que já entre na narrativa como um leitor de língua inglesa, sem ter de interromper a leitura para ler notas.

O *armário de Devon*, praticamente um dos personagens principais do livro, seria um *chest* — um pequeno móvel com duas prateleiras e uma porta. O adolescente Devon Smith estava terminando de construí-lo quando

foi assassinado com um tiro no peito — seu *chest*. Numa crise de desespero, seu pai desferiu pontapés no armário, danificando-o. Dois *chests* feridos. Portanto, quando o leitor encontra, ao longo do texto, a palavra *armário*, também pode estar lendo *peito*. E vice-versa.

A construção do armário era o projeto a que Devon se dedicava como Escoteiro — *Scout* — para poder chegar ao nível Águia. *Scout* também é o apelido que Devon deu a Caitlin, sua irmã de dez anos que tem Síndrome de Asperger, por identificá-la com a menina *Scout* do clássico norte-americano *O Sol É Para Todos*, o filme favorito dos dois irmãos. Quando Caitlin usa a expressão *Scout's honor* no original, isso tanto quer dizer “palavra de escoteiro” como “palavra de Scout”, seu apelido, assinalando o quanto sua identidade se confunde com a do irmão e a da personagem.

O armário de Devon lembra a Caitlin um pássaro ferido. O título original do filme *O Sol É Para Todos* é *To Kill A Mockingbird*, o mesmo do romance de 1960 da autora Harper Lee em que é inspirado. A frase se refere à morte de um inocente, como Erskine esclarece no capítulo 13. Seria impossível manter o título brasileiro ao longo da história, devido às observações de Caitlin sobre o título original e ao simbolismo da autora, razão pela qual traduzi *To Kill a Mockingbird* para *Matar Passarinho*.

Ao ouvir a palavra *closure* na matéria de um noticiário sobre a morte do irmão, Caitlin decide que é o que falta à sua história. Não existe um equivalente

exato em língua portuguesa que seja tão amplamente empregado quanto *closure* e concilie as noções de fechamento e superação. Optei, então, pela palavra *desfecho*, na sexta acepção que nos dá o Houaiss: “Solução que se encontra para um negócio, uma questão ou uma situação difícil ou complicação.” O desfecho/*closure* de Caitlin fará com que o fim e o começo de sua história se encontrem, unindo-os num círculo perfeito.

Estas são apenas algumas das simetrias que o leitor encontrará ao longo do romance. Há inúmeras outras, e a cada releitura mais e mais aparecerão, ora entre objetos, ora entre frases, ora entre acontecimentos. Pois este é um romance verdadeiramente simbólico, onde tudo é parte de um mesmo holograma e faz profundo sentido. O que lhe confere uma grandeza única.

Sobre *To Kill a Mockingbird* (*O Sol É Para Todos*)

Incluído na lista dos melhores filmes de todos os tempos do American Film Institute, a adaptação cinematográfica de Robert Mulligan do romance *O Sol É Para Todos*, de Harper Lee, tem por protagonistas o advogado Atticus Finch (Gregory Peck) e seus filhos Jean Louise “Scout” (Mary Badham) e Jem (Phillip Alford), no Alabama dos anos 1930. A história cobre um período de três anos na vida da família, durante os quais

a inocente vida de diversões das duas crianças dará lugar ao doloroso processo de conscientização do estigma do racismo, contra o qual seu pai luta com coragem e idealismo. Sua defesa de Tom Robinson (Brock Peters), um jovem negro injustamente acusado de estupro, faz com que os habitantes da cidade se voltem contra ele e seus filhos, culminando as hostilidades numa noite de Halloween em que as crianças são agredidas por uma pequena multidão e salvas por um vizinho (Robert Duvall). O filme termina com reflexões de Scout sobre o homem que as protegeu, por serem as únicas pessoas na cidade que jamais o atormentaram.

Clássico por excelência do Sul dos Estados Unidos, explorando com sensibilidade temas fortes como o preconceito racial e a perda da inocência, o romance *O Sol É Para Todos* é amplamente lido nas salas de aula do país, tendo o nome de Atticus Finch se tornado sinônimo de integridade moral e servido de modelo para inúmeras gerações de leitores ao longo de mais de meio século. Vencedor do Prêmio Pulitzer de 1961, foi incluído pelo *New York Times* em sua famosa lista de “Os Cem Melhores Romances de Todos os Tempos”.



CAPÍTULO

1

O ARMÁRIO DE DEVON

ELE PARECE UM PASSARINHO DE UMA asa só curvado no canto da nossa sala. Ferido. Tentando voar toda vez que o ar-condicionado liga dando um clique e um gemido e sopra ar frio no lençol que levanta e flutua apenas por um momento e então torna a cair. Imóvel. Morto.

Papai cobriu o armário com o lençol cinza por isso não posso vê-lo mas eu sei que ele está lá. E ainda consigo desenhá-lo. Pego meu lápis

de carvão e copio o que vejo. Uma coisa cinzenta e meio quadrada quase da minha altura. Com uma asa só.

Debaixo do lençol está o projeto de Escoteiro Águia de Devon. É o armário que papai e Devon estão fazendo porque assim ele vai poder ensinar os outros Escoteiros a construir um armário. Tateio por cima de todo o lençol só para ter certeza de que o armário dele está ali embaixo. É frio e duro por fora e cavernoso por dentro. Meu Dicionário diz que cavernoso significa cheio de cavidades ou áreas ocas. É isso que tem no interior do armário de Devon. Áreas ocas. Do lado de fora fica a parte que parece a asa quebrada do passarinho porque o lençol pende frouxo por cima dela. Debaixo do lençol tem um pedaço de madeira que vai ser a porta depois que papai e Devon terminarem o armário. Só que agora não sei como eles vão poder fazer isso. Agora que Devon se foi. O passarinho vai ficar tentando fugir sem nunca chegar a parte alguma. Só flutuando e caindo. Flutuando e caindo.

O cinzento do lado de fora também está do lado de dentro. Dentro da sala. Dentro do armário. Dentro de mim. É tão cinzento que acendendo um abajur fica forte demais e dói. Por isso os abajures estão apagados. Mas ainda assim está claro demais. Deveria ser preto por dentro e é isso que eu quero então ponho a cabeça debaixo da almofada do sofá onde o tecido xadrez verde tem o cheiro do suor de papai e das meias de Devon e das minhas pipocas e eu sinto o peso

macio da almofada sobre a minha cabeça e avanço ainda mais até meus ombros e peito também poderem entrar e sinto um peso em cima de mim que me prende e impede de flutuar e cair e flutuar e cair como o passarinho.



CAPÍTULO 2

OLHE PARA A PESSOA

CAITLIN, DIZ PAPAI. A CIDADE INTEIRA está abalada com o que aconteceu. Eles querem ajudar.

Como?

Eles querem estar com você. Falar com você. Levar você para passear.

Não quero estar com eles nem falar com eles nem passear com eles.

Ele suspira. Eles querem ajudar você a enfrentar a vida, Caitlin... sem Devon.

Não sei o que isso quer dizer mas as pessoas vêm à nossa casa. Gostaria de poder me esconder no quarto de Devon mas não tenho permissão para entrar lá agora. É assim desde O Dia Em Que A Nossa Vida Desmoronou e papai bateu a porta do quarto de Devon e encostou a cabeça nela e chorou e disse, *Não não não não não*. Por isso não posso mais ir para o meu esconderijo no quarto de Devon e sinto falta de lá.

Tento me esconder no meu quarto para desenhar mas papai chega e me leva.

Tem tantas vozes na nossa casa. Vozes da tropa de Escoteiros de Devon. Eu reconheço as calças verdes. E as coisas boas que eles dizem sobre Devon.

Vozes de parentes. Papai me apresenta a eles. *Você se lembra de...* e então diz um nome.

Eu digo, *Não*, porque não me lembro.

Papai me manda Olhar Para A Pessoa por isso olho depressa para o nariz ou a boca ou a orelha mas nem assim eu me lembro.

Uma voz diz, *Sou seu primo em segundo grau.*

Outra diz, *Não foi um belo serviço religioso?*

Uma outra diz, *Adoro os seus desenhos. Você é uma artista muito talentosa. Não quer desenhar alguma coisa para mim?*

Uma outra até diz, *Que sorte a sua ter tantos parentes!*

Não acho que eu tenha sorte mas eles continuam chegando.

Parentes que a gente mal via quando Devon estava aqui então como eles podem ajudar?

Vizinhos como o sujeito que gritou com Devon para sair do seu gramado. Como ele pode ajudar?

Gente da escola. A Sra. Brook minha orientadora. A Srta. Harper a diretora. Todas as minhas professoras desde o jardim de infância menos a minha atual professora da quinta série porque ela foi embora depois do que aconteceu na escola de Devon. Eu não Captei O Sentido porque nada de mau aconteceu na Escola James Madison então por que ela tinha que ir embora? Agora a minha professora é a Sra. Johnson. Ela diz que nem mesmo conheceu Devon só o viu jogar basquete. Duas vezes. Eu já vi os LA Lakers jogando mais de duas vezes. E nem por isso tento ajudá-los.

Caitlin. Se alguma hora dessas quiser conversar sobre o que aconteceu é só falar, diz a Sra. Johnson.

É para isso que serve a Sra. Brook, digo a ela.

Que tal se nós todos nos reuníssemos?

Para quê?

Para sabermos em que pé você está.

Olho para meus pés plantados lado a lado no chão da sala. *Eu estou em cima dos dois pés ao mesmo tempo.*

Desculpe. Eu quis dizer para sabermos como você está se sentindo.

Ah. A Sra. Brook sabe como eu estou me sentindo então a senhora pode perguntar para ela. Eu seria supérflua. Meu Dicionário diz que supÉRfluo significa aquilo que excede o suficiente ou necessário.

Eu só achei que seria bom nós sentarmos e batermos um papo qualquer hora dessas.

Faço que não com a cabeça. SuPÉRfluo também significa caracterizado pela inutilidade.

Então está bem, diz ela. Eu dou uma palavra com a Sra. Brook.

A Sra. Brook diz que a gente pode falar com ela a qualquer hora porque as suas portas estão sempre abertas. Na verdade ela só tem uma e está quase sempre fechada. Mas quando a gente bate ela lembra de abrir.

Obrigada Caitlin.

Ela não se mexe. Isso quer dizer que está esperando que eu diga alguma coisa. Detesto isso. Me faz sentir coceira e ficar molhada debaixo dos braços. Quase começo a chupar o punho da blusa como faço na hora do recreio mas então me lembro. Não há de quê, digo.

Ela se afasta.

Acertei! Vou até a geladeira e colo o adesivo de um smiley na minha cartela de SUA EDUCAÇÃO. Com mais sete vou poder assistir a um vídeo.

Quando viro de costas para a geladeira vejo uma muralha balofa de marshmallow azul na minha frente. Tem cheiro de Pop-Tart sabor maçã com canela e respira de um jeito barulhento. É uma outra vizinha ou parenta. Eu nunca acerto. As mãos dela estão tremendo. Uma das mãos segura um lenço de papel e a outra ela estende aberta para mim. Tem um círculo branco no meio. Quer uma balinha?

Não sei. Nunca provei as balas dela por isso não sei se vou gostar. Mas eu gosto de quase todos os tipos de bala que existem no universo. Só não gosto de me sentir encurralada por uma muralha azul e balofa como essa.

Toma, diz ela, empurrando a bala na minha mão.

Eu a pego para fazê-la tirar a mão da minha porque a mão dela é molenga e pelancuda e me deixa enjoada.

Come mais uma, diz ela.

Apanho a bala depressa para não ter que sentir sua mão de novo.

Ela tenta fazer festinha na minha cabeça com a mão das balas mas eu recuo.

Corro e me escondo atrás de papai. E chupo as balas. São de hortelã. Eu preferia que fossem minhocas de gelatina porque são as minhas favoritas mas sei Lidar Com Isso. O bom é que não posso falar com a boca cheia porque é falta de educação por isso se eu ficar de boca cheia posso continuar no meu próprio mundo de Caitlin.

Quando termino de chupar as balas ainda não estou com vontade de falar por isso enfio a cabeça debaixo do suéter de papai e sinto o calor do seu peito subindo e descendo quando respira e o cheiro do seu Desodorante e Antitranspirante Gillette Cool Wave. Ele nem mesmo diz, *Não Caitlin,* e me tira dali. Ele me deixa ficar e faz cafuné na minha cabeça por cima do suéter. Quando é por cima do suéter

eu não me importo. Do contrário não gosto que ninguém encoste em mim. Papai conversa com o mundo do lado de fora do suéter e a voz dele vibra baixinho feito um ronrom. Fecho os olhos e sinto vontade de poder ficar ali para sempre.